

Hans Staden
Theodor de Bry

CAPÍTULO 18
COMO FUI APRISIONADO PELOS
SELVAGENS E COMO ISSO ACONTECEU



inha comigo um selvagem de uma tribo denominada Carijó, que era meu escravo. Ele caçava para mim e com ele fui às vezes ao mato.

Aconteceu, porém, uma vez, que um espanhol da ilha de São Vicente veio me visitar na ilha de Santo Amaro, que fica a cerca de cinco milhas, e mais um alemão de nome Heliodorus Hessus, filho do falecido Eobanus Essus. Este morava na ilha de São Vicente, num engenho onde se fabricava açúcar.

Esse engenho pertencia a um genovês que se chamava Giuseppe Adorno, e Heliodorus era caixeiro e gerente do negociante dono do engenho (engenhos são casas onde se fabrica açúcar). Já conhecia esse Heliodorus, porque, quando naufraguei com os espanhóis, estava ele com a gente que encontramos em São Vicente e ficou desde então meu amigo. Veio ele para ver-me, pois tinha sabido talvez que eu estava doente.

No dia anterior, tinha eu mandado o meu escravo para o mato a procurar caça, e queria buscá-la no dia seguinte para ter alguma coisa que comer, pois naquele país não há muita coisa além do que há no mato.

Quando eu ia indo pelo mato, ouvi dos dois lados do caminho uma grande gritaria, como costumam fazer os selvagens, e avançando para o meu lado. Reconheci então que me tinham cercado e apontavam flechas sobre mim e atiravam. Exclamei: “Valha-me Deus!”. Mal tinha pronunciado essas palavras quando me estenderam por terra, atirando sobre mim e picando-me com as lanças. Mas não me feriram mais (graças a Deus) do que em uma perna, despindo-me completamente. Um tirou-me a gravata, outro o chapéu,

o terceiro a camisa etc. Começavam a disputar a minha posse, dizendo um que tinha sido o primeiro a chegar a mim, e o outro, que me tinha aprisionado. Enquanto isso se dava, bateram-me os outros com os arcos. Finalmente, dois levantaram-me, nu como estava, pegando-me um em um braço e o outro, no outro, com muitos atrás de mim e assim correram comigo pelo mato até o mar, onde tinham suas canoas.

Chegando ao mar, vi, à distância de um tiro de pedra, uma ou duas canoas suas, que tinham tirado para terra, por baixo de uma moita e com uma porção deles em roda. Quando me avistaram trazido pelos outros, correram ao nosso encontro, enfeitados com plumas, como era costume, mordendo os braços, fazendo com isso compreender que me queriam devorar. Diante de mim, ia um rei com o bastão que serve para matar os prisioneiros. Fez um discurso e contou como me tinham capturado e feito seu escravo o peró (assim chamam aos portugueses), querendo vingar em mim a morte de seus amigos. E, ao levarem-me até as canoas, alguns me davam bofetadas. Apressaram-se, então, em arrastar as canoas para a água, de medo que em Bertioga já estivessem alarmados, como de fato estavam.

Antes, porém, de arrastarem as canoas para a água, manietaram-me e, como não eram todos do mesmo lugar, cada aldeia ficou zangada por voltar sem nada e disputavam com aqueles que me detinham. Uns diziam que tinham estado tão perto de mim como os outros, e queriam também ter sua parte, propondo matar-me imediatamente.

Eu orava e esperava o golpe; porém, o rei, que me queria possuir, disse que desejava levar-me vivo para casa, para que as mulheres me vissem e se divertissem à minha custa, depois do que me mataria e *Kawewi pepicke*, isto é, queriam fabricar a sua bebida, reunir-se para uma festa e me devorar conjuntamente. Assim, me deixaram e me amarraram quatro cordas ao pescoço, fazendo-me entrar numa canoa enquanto ainda estavam em terra. As pontas das cordas amarraram na canoa, que arrastaram para a água para voltar para a aldeia.





S. Maro



CAPÍTULO 19
COMO QUERIAM VOLTAR
E OS NOSSOS CHEGARAM PARA ME
RECLAMAR, E COMO VOLTARAM PARA
ELES E COMBATERAM



o pé da ilha, na qual fui aprisionado, há uma outra ilha pequena, onde se aninham uns pássaros marítimos de nome guará, que têm penas vermelhas. Perguntaram-me os índios se os seus inimigos tupiniquins tinham estado lá este ano, para apanharem os pássaros e os filhotes. Disse-lhes que sim, mas quiseram ver eles mesmos,

pois estimam muito as penas daqueles pássaros, porque todos os seus enfeites são geralmente de penas. A particularidade desse pássaro é que suas primeiras penas são pardacentas, ficando pretas quando começam a voar, tornando-se depois encarnadas, como tinta vermelha.

Foram então para a ilha pensando encontrar aí os pássaros. Quando tinham chegado a cerca de dois tiros de espingarda do lugar onde tinham deixado as canoas, voltaram-se e avistaram um bando de tupiniquins e alguns portugueses entre eles, porque um escravo que me tinha acompanhado, quando fui agarrado, escapara e dera alarme quando me prenderam.

Pensavam vir livrar-me e gritaram para os que me capturaram que viessem combater, se tinham coragem. Voltaram então com a canoa para os que estavam em terra e estes atiraram com espingardas e flechas, e os da canoa responderam; desataram as minhas mãos, mas as cordas do meu pescoço continuavam fortemente atadas.

O rei, que estava comigo na canoa, tinha uma espingarda e um pouco de pólvora, que um francês lhe dera em troca de pau-brasil. Ordenou-me que atirasse sobre os que estavam em terra.

Depois de terem combatido um pouco, ficaram com medo de que os outros tivessem canoas, para os perseguir, pelo que fugiram. Três deles tinham sido feridos. Passaram a cerca de um tiro de falconete de Bertioga, onde eu costumava estar, e quando passamos defronte fizeram-me ficar em pé, para que meus companheiros me vissem. Do forte, dispararam dois grandes tiros, porém não nos alcançaram.

Enquanto isso, saíram algumas canoas de Bertioga para nos alcançar, mas os selvagens fugiram depressa, e, vendo os amigos que nada podiam fazer, voltaram.



Brikioka





CAPÍTULO 20
O QUE SE PASSOU NA VIAGEM PARA
A TERRA DELES



omo havia mais ou menos sete milhas de caminho de Bertioga à terra deles, seriam, conforme a posição do Sol, cerca de quatro horas da tarde desse mesmo dia quando me capturaram.

Foram a uma ilha e puxaram as canoas para a terra, pretendendo ficar aí essa noite e me tiraram da canoa. Uma vez em terra, nada podia enxergar porque me tinham ferido na cara, nem podia andar por causa da ferida da perna, pelo que fiquei deitado sobre a areia. Cercaram-me, com ameaças de me devorar.

Estando nessa grande aflição, pensava no que nunca tinha cogitado neste vale de lágrimas, onde vivemos. Com os olhos banhados em pranto, comecei a cantar do fundo do meu coração o Salmo: “A ti imploro, meu Deus, no meu pesar etc.”. Os selvagens diziam então: “Vede como ele chora, ouvi como se lamenta”.

Parecia-lhes, no entanto, que não era prudente ficarem na ilha durante a noite, e se embarcaram de novo, para ir à terra firme, onde estavam umas cabanas que antes tinham levantado. Quando chegamos, era alta noite. Acenderam então fogueiras e conduziram-me para lá. Aí tive de dormir numa rede, que na língua deles se chama *inni* e é a cama deles, que amarram a dois paus acima do chão, ou, quando estão no mato, a duas árvores. As cordas que eu tinha no pescoço amarraram-nas por cima numa árvore e se deitaram em roda de mim, caçoando comigo e me chamando *Schere inbau ende*: “Tu és meu bicho amarrado”.

Antes de raiar o dia, saíram de novo, remaram todo o dia e quando o sol descambou no horizonte faltavam-lhes ainda duas milhas para chegar ao lugar onde queriam pousar. Levantou-se então grande nuvem negra por detrás de nós, tão medonha que os obrigou a remar com toda a pressa para alcançar a terra, por causa do vento e dos bulções.

Quando viram que já não podiam escapar, disseram-me: “*Ne monghetá ndé Tupan quaabe amanaçu yandé eima rana mocecy*”, o que quer dizer: “Pede a teu Deus que a grande chuva e vento não nos façam mal”. Calei-me, fiz a minha oração a Deus, como pediram, e disse: “Ó, tu, Deus Onipotente, que tens o poder na terra e no céu; tu que do começo auxiliaste aqueles que imploram o teu nome e que os escutaste, mostra a tua clemência a esses pagãos, para que eu saiba que tu ainda estás comigo e para que os selvagens, que não te conhecem, possam ver que tu, meu Deus, ouviste a minha oração”.

Estava deitado na canoa e amarrado, de modo que não podia ver o tempo, mas eles voltavam-se continuamente para trás e começavam a dizer: “*Oquara mō amanaçu*”, o que quer dizer: “A grande tempestade fica para trás”. Ergui-me então um pouco, olhei para trás e vi que a grande nuvem se dissipava. Agradei então a Deus.

Chegando em terra, fizeram comigo como dantes; amarraram-me a uma árvore e deitaram-se ao redor de mim, dizendo que estávamos agora perto da terra deles, onde chegaríamos no dia seguinte à tarde, o que muito pouco me alegrou.

CAPÍTULO 21
COMO ME TRATARAM DE DIA,
QUANDO ME LEVARAM ÀS SUAS CASAS



o mesmo dia, a julgar pelo sol, devia ser pela Ave-Maria, mais ou menos, quando chegamos às suas casas; havia já três dias que estávamos viajando. E até o lugar aonde me levaram contavam-se trinta milhas de Bertioga, onde eu tinha sido aprisionado.

Ao chegarmos perto das suas moradas, vimos que era uma aldeia com sete casas e se chamava Ubatuba. Entramos numa praia que vai abeirando o mar e ali perto estavam as suas mulheres

numa plantação de raízes, a que chamam mandioca. Na mesma plantação, havia muitas mulheres, que arrancavam dessas raízes, e fui obrigado então a gritar-lhes na língua: “*Ayú ichebe ené remiurama*”, isto é: “Eu, vossa comida, cheguei”.

Uma vez em terra, correram todos das casas (que estavam situadas num morro), moços e velhos, para me verem. Os homens iam com flechas e arcos para suas casas e recomendaram às mulheres que me levassem consigo, indo algumas adiante, outras atrás de mim. Cantavam e dançavam em unísono os cantos que costumam, como canta sua gente quando está para devorar alguém.

Assim me levaram até a *Ywirá*, diante de suas casas, isto é, a sua fortificação, feita de grossas e compridas achas de madeira, como uma cerca ao redor de um jardim. Isso serve contra os inimigos. Quando entrei, correram as mulheres ao meu encontro e me deram bofetadas, arrancando a minha barba e falando em sua língua: “*Che anama pipike aé*”, o que quer dizer: “Vingo em ti o golpe que matou o meu amigo, o qual foi morto por aqueles entre os quais tu estiveste”.

Conduziram-me, depois, para dentro de casa, onde fui obrigado a me deitar em uma *inni* (rede).

Voltaram as mulheres e continuaram a me bater e maltratar, ameaçando me devorar.

Enquanto isso, ficavam os homens reunidos em uma cabana e bebiam o seu cauim, tendo consigo os seus deuses, que se chamam maracás, em cuja honra cantavam, por terem profetizado que me haviam de prender.

Tal canto ouvi durante uma meia hora e não apareceu um só homem; somente mulheres e crianças estavam comigo.



CAPÍTULO 22

COMO OS MEUS DOIS AMOS VIERAM A MIM E ME DISSERAM QUE ME TINHAM DADO A UM AMIGO QUE ME DEVIA GUARDAR E MATAR QUANDO ME QUISESSEM COMER



ão conhecia eu ainda seus costumes, tão bem como depois, e pensava agora que se preparavam para me matar. Logo depois, vieram os dois que me capturaram, de nome Nhaê-pepô-oaçu e seu irmão Alkindar-miri, e me contaram como me tinham dado ao irmão de seu pai, Ipiru-guaçu, por amizade. Este me devia conservar e matar quando

me quisessem comer, e assim ganhar um nome à minha custa.

Como esse mesmo Ipiru-guaçu tinha capturado um escravo, havia um ano, e por amizade dele fizera presente a Alkindar-miri, este o matou e ganhou com isso um nome. Alkindar-miri tinha então prometido a Ipiru-guaçu de fazer presente a ele do primeiro que capturasse. Este era eu.

Os dois que me capturaram disseram-me mais: “Agora, as mulheres te levarão para fora, ao *poracé*”. Não compreendi então essa palavra, que quer dizer dançar. Puxaram-me para fora, pelas cordas que ainda tinha ao pescoço, até a praça. Vieram todas as mulheres que havia nas sete cabanas e me levaram, e os homens se foram embora. Um pegaram-me nos braços, outras nas cordas que tinha ao pescoço, de forma que quase não podia respirar. Assim me levaram; eu não sabia o que queriam fazer de mim e me lembrava do sofrimento do nosso redentor Jesus Cristo, quando era maltratado inocentemente pelos infames judeus. Por isso, consolei-me e me tornei paciente. Conduziram-me até a cabana do rei, que se chamava Guaratinga-açu, que quer dizer na língua deles “o grande pássaro branco”. Diante da cabana do rei, havia um monte de terra fresca,

e ali me assentaram, enquanto algumas mulheres me seguravam. Pensei então que queriam matar-me e procurava com os olhos o ibirapema, instrumento com que matam gente, e perguntei se já me queriam matar. Não me responderam, mas veio uma mulher que tinha um pedaço de cristal em uma coisa que parecia um pau arcado, cortou-me com esse cristal as sobrancelhas dos olhos e queria cortar-me também a barba. Mas isso não quis suportar e disse que me matassem com barba e tudo. Disseram então que me não queriam matar ainda e me deixaram com a barba. Porém, alguns dias depois, me cortaram com uma tesoura que os franceses lhes tinham dado.





Vvattibi.